

Formação para o cuidador escolar sobre comunicação aumentativa e alternativa

Resumo: o cuidador atua como colaborador para a inclusão no ambiente escolar por contribuir com seus serviços de cuidado na higiene, na locomoção e na alimentação, entre outros aspectos voltados aos estudantes com deficiências, dentre eles os que apresentam necessidades complexas de comunicação, que podem usar ou não a Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA). O objetivo desta pesquisa consiste em relatar os procedimentos de elaboração de forma colaborativa e à distância de um conteúdo em formato de vídeo para a formação do cuidador escolar sobre os aspectos referentes à linguagem, língua e comunicação, bem como CAA voltada ao atendimento escolar. O percurso metodológico se configurou em três estudos quantitativos e qualitativos de caráter descritivo e de desenvolvimento, a partir da perspectiva teórica da educação inclusiva e da psicologia histórico-cultural. Os conteúdos formativos em formato de vídeo elaborados à distância e de forma colaborativa entre pesquisadores e especialistas de diferentes áreas do conhecimento demonstraram contribuir na ampliação do conhecimento dos cuidadores escolares acerca da temática linguagem, língua, comunicação e CAA. Os cuidadores demonstraram compreender que a comunicação não se efetiva somente pela fala e incentivaram a comunicação e o uso da CAA na escola, também manifestaram interesse nos temas trabalhados, o que se pode perceber pelos exemplos de falas dos participantes expressando conexões dos conteúdos abordados com a sua atuação cotidiana. Conclui-se que a formação em modelo híbrido com o uso de vídeos instrucionais se configurou em um recurso relevante para trabalhar as temáticas comunicação e CAA.

Palavras-Chave: cuidador escolar; profissional de apoio; formação modelo híbrido; comunicação aumentativa e alternativa; educação especial.

**Fernanda Matrigani Mercado
Gutierrez de Queiroz**

Universidade Federal da Bahia,
fernanda.queiroz@ufba.br

Natálie Iani Goldoni

Universidade Estadual Paulista Júlio
de Mesquita Filho,
natalie.goldoni@unesp.br

Márcia Helena da Silva Melo

Universidade de São Paulo,
mmelo@usp.br

Training for school caregivers on augmentative and alternative communication

Abstract: the caregiver acts as a collaborator for inclusion in the school environment by contributing with their care services in hygiene, locomotion and food, among other aspects aimed at students with disabilities, including those with complex communication needs, who may or may not use Augmentative and Alternative Communication (AAC). The objective of this research, which consists of reporting the collaborative and distance elaboration procedures of a training content in video format for the training of school caregivers on aspects related to language, language and communication, as well as AAC aimed at school attendance. The methodological path was configured in three quantitative and qualitative studies of a descriptive and developmental nature from the theoretical perspective of Inclusive Education and Historical-Cultural Psychology. The training content in video format produced at a distance and collaboratively between researchers and specialists in the areas of knowledge have proven to contribute to expanding the knowledge of school caregivers about the theme language, language, communication and AAC. Caregivers demonstrated understanding that communication is not effective only through speech and encouraged communication and the use of AAC

at school. They expressed interest in the themes worked on, which can be seen from the examples of the participants' speeches, expressing connections between the contents addressed and their daily activities. It is concluded that training in a hybrid model with the use of instructional videos was configured as an adequate resource to work on communication and AAC themes.

Keywords: school caregiver; support professional; hybrid model training; augmentative and alternative communication; special education.

Formación a cuidadores escolares sobre comunicación aumentativa y alternativa

Resumen: el cuidador actúa como colaborador para la inclusión en el ámbito escolar contribuyendo con sus servicios de higiene, locomoción y cuidado de la alimentación, entre otros, dirigidos a estudiantes con discapacidad, entre ellos aquellos con necesidades comunicativas complejas, que pueden o no utilizar la Comunicación Aumentativa y Alternativa (CAA). El objetivo de esta investigación, que consiste en relatar los procedimientos de elaboración colaborativa y a distancia de un contenido formativo en formato de video para la formación de cuidadores escolares sobre aspectos relacionados con el lenguaje, el lenguaje y la comunicación, así como la CAA dirigida a la asistencia escolar. El camino metodológico se configuró en tres estudios cuantitativos y cualitativos de carácter descriptivo y desarrollista desde la perspectiva teórica de la educación inclusiva y la psicología histórico-cultural. Los contenidos formativos en formato de video producidos a distancia y de forma colaborativa entre investigadores y especialistas en las áreas de conocimiento han demostrado contribuir a ampliar el conocimiento de los cuidadores escolares sobre el tema lengua, lenguaje, comunicación y CAA. Los cuidadores demostraron comprender que la comunicación no es efectiva solo a través del habla y alentaron la comunicación y el uso de CAA en la escuela. Manifestaron interés en los temas trabajados, lo que se puede ver en los ejemplos de los discursos de los participantes, expresando conexiones entre los contenidos abordados y sus actividades diarias. Se concluye que la formación en un modelo híbrido con el uso de videos instructivos se configuró como un recurso adecuado para trabajar temas de comunicación y CAA.

Palabras llave: cuidador escolar; profesional de apoyo; entrenamiento de modelos híbridos; comunicación aumentativa y alternativa; educación especial.

Introdução

Atualmente, muitos estudantes com deficiência frequentam as escolas comuns. De acordo com os dados do Censo Escolar da Educação Básica, realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) em 2023, eles foram 95% do público-alvo da educação especial, incluídos em classes comuns (Inep, 2024). Esse público se refere aos estudantes com deficiências, com transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades/superdotação, segundo o Decreto nº 7.611/2011 (Brasil, 2011).

Este espaço educacional foi conquistado em meio a lutas pelos direitos sociais decorrentes da perspectiva educacional inclusiva, conforme apontam Mendes (2006) e Kassar, Rebelo e Oliveira (2019), entre outros pesquisadores da área. Há mais de 20 anos a sociedade brasileira vem discutindo a inserção dos alunos com deficiência no ensino comum, como o exposto nos estudos de Mazzotta (2005), Jannuzzi (2006) e Mendes (2006, 2010).

Vários estudos, nas últimas décadas, afirmam que para a inclusão acontecer não basta inserir o estudante com deficiência em uma turma do ensino comum. Buiatti e Nunes (2021) destacam que, para que a escola se torne verdadeiramente inclusiva, é fundamental que novas propostas educacionais sejam implementadas, a partir do princípio da garantia não somente do ingresso no ensino comum, mas a permanência no processo de escolarização com qualidade para todos os estudantes. De acordo com a perspectiva dos direitos humanos, Prieto e França (2018) expõem que a orientação universal do direito à educação deve ser dar pela diferenciação do ensino para quem precisar.

Nesse sentido, englobando a formação dos professores, Mendes (2006) aponta que os alunos que têm acesso à educação não estão necessariamente recebendo uma educação apropriada, seja por falta de profissionais qualificados ou mesmo pela falta de recursos. Machado e Bordas (2022) afirmam que o contexto sociocultural se estrutura para atender aspectos culturais, físicos, intelectuais e sensoriais homogeneizantes, portanto, a sociedade atual ainda precisa despertar para a inclusão da diversidade humana e a escola permanece sendo excludente, reproduzindo rotulações e preconceitos. “Sabemos que garantir o direito ao acesso de todos à educação não é o bastante, é necessário assegurar uma educação de qualidade que garanta não apenas o acesso e sim, a permanência e aprendizagem efetiva de crianças, jovens e adultos” (Machado; Bordas, 2022, p. 126).

Segundo Machado e Bordas (2022), há necessidade de se desenvolver uma escola que seja capacitada a atender a todos com equidade e qualidade, e, nesse contexto, defendem a “[...] participação de todos os atores e autores envolvidos com o espaço escolar (coordenadores, gestores, profissionais de apoio, equipes técnicas, portaria, secretaria, merendeiras, pais, estudantes, comunidade, dentre outros)” (Machado; Bordas, 2022, p. 128).

Nesse itinerário, foi pensada, na presente pesquisa, uma formação na modalidade híbrida para atender aos profissionais de

apoio e/ou cuidadores escolares que atuam junto aos estudantes com necessidades mais complexas de apoio. Essa formação estava organizada em oito módulos voltados para as áreas principais de atuação do cuidador, bem como levando em consideração suas necessidades profissionais, intitulados: locomoção; alimentação; higiene; comunicação; qualidade de vida, formação e valorização profissional do cuidador escolar; aspectos relacionados a deficiências e a condições de saúde; aspectos psicológicos e do desenvolvimento; e inclusão. Porém, neste artigo será apresentado apenas o módulo “comunicação”, que engloba as conceituações de linguagem, língua, comunicação e Comunicação Aumentativa e Alternativa (CAA).

De acordo com as portarias interministeriais nº 362/2012 e nº 604/2013 (Brasil, 2012, 2013), a CAA se configura em uma das áreas de estudo da tecnologia assistiva. Houve revisão por consulta pública em 2021, a qual manteve os recursos e serviços voltados a CAA na atualização do rol dos bens e serviços (Brasil, 2021).

Revela-se, então, o objetivo desta pesquisa, que consiste em relatar os procedimentos de elaboração, de forma colaborativa e à distância, de um conteúdo em formato de vídeo para a formação do cuidador escolar sobre os aspectos referentes a linguagem, língua e comunicação, bem como CAA, voltadas ao atendimento escolar para o estudante com necessidades complexas de comunicação.

Desenvolvida por meio da abordagem teórica da perspectiva educacional inclusiva, respaldada pelos autores Mendes (2006, 2010), Prieto e França (2018), entre outros, e da psicologia histórico-cultural, por meio dos estudos de Vygotski (1997, 2003). Dentre os apoios voltados a escolarização dos estudantes com deficiência, que revelam um comprometimento funcional maior, encontra-se o cuidador/profissional de apoio, cujos saberes e fazeres profissionais compõem o cerne desta pesquisa. Assim, ampliar os conhecimentos referentes a atuação deste profissional contribui para o meio acadêmico e escolar (Queiroz, 2020).

Reconhecendo que a educação inclusiva não se faz a cargo de um único profissional da escola, seja ele o professor de Atendimento Educacional Especializado (AEE), o cuidador ou qualquer outro, a inclusão é um movimento processual e coletivo e deve ser abraçada por todos os estudantes, os profissionais da escola e a comunidade escolar, envolvendo os pais e o entorno escolar, como os serviços sociais e de saúde, entre outros (Stainback; Stainback, 1999).

Este estudo se justifica pela necessidade de formação que o cuidador escolar possui a respeito das demandas do aluno com necessidades complexas de comunicação, no sentido de favorecer a compreensão desses profissionais da escola a respeito da CAA por meio de sistemas de símbolos que utilizem figuras, ou pictogramas, que auxiliem a compreensão e a expressão dos alunos com deficiência. Portanto, os conteúdos em formato de vídeo para formação à distância do cuidador escolar sobre comunicação e CAA no contexto do aluno com deficiência é uma proposta que visa o empoderamento e a empatia, pois o cuidador escolar está cotidianamente estimulando o estudante com necessidades complexas de comunicação a expressar suas necessidades, contribuindo para a qualidade de vida e a aprendizagem deste, no ambiente escolar. Na intencionalidade de aprofundamento dos estudos, considerou-se necessário detalhar a atuação do profissional cuidador escolar e também dos estudos teóricos da CAA.

Profissional de apoio/cuidador escolar que atua no contexto da educação inclusiva

Considera-se o cuidador escolar, categorizado pela Lei Brasileira de Inclusão (LBI), Lei nº 13.146, de 06 de julho de 2015, dentre os profissionais de apoio, como um agente colaborador para a inclusão no ambiente escolar, por contribuir com serviços de cuidado em relação a higiene, a locomoção e a alimentação, entre outros, favorecendo e possibilitando a participação do aluno com deficiência nas atividades escolares. De acordo com a lei supracitada, no seu capítulo I, considera-se profissional de apoio escolar:

[...] pessoa que exerce atividades de alimentação, higiene e locomoção do estudante com deficiência e atua em todas as atividades escolares nas quais se fizer necessária, em todos os níveis e modalidades de ensino, em instituições públicas e privadas, excluídas as técnicas ou os procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas (Brasil, 2015).

De acordo a tese de doutorado de Queiroz (2020), o papel deste profissional ainda está se delineando de acordo com as demandas existentes em diversas localidades do país. Atualmente, nas escolas, eles atendem prioritariamente aos estudantes com um perfil que revela comprometimento funcional, decorrentes da deficiência física,

que pode combinar-se ou não com diferentes graus de deficiência intelectual, conferindo um quadro peculiar ao desenvolvimento e à conduta deste estudante. Conforme afirma Vygotski (1997), essas deficiências podem ocorrer juntas ou separadas, conferindo-lhes uma dinâmica própria de funcionamento, assim, a pessoa se desenvolve como um todo único em relação à deficiência. A ruptura do equilíbrio cria um sistema de adaptação e possibilita um novo equilíbrio em substituição ao alterado, abrindo possibilidade para o mecanismo de compensação.

Em relação ao termo “cuidador”, estudos revelam que existem diversas nomenclaturas adotadas nas localidades das diferentes regiões do país, como: “cuidador”, “auxiliar de desenvolvimento infantil”, “auxiliar de vida escolar”, “profissional de apoio”, “mediador”, entre outros (Lopes, 2018; Queiroz; Ramos; Melo, 2022). Nesse sentido, o mais comum de se encontrar é o cuidador escolar/profissional de apoio que se responsabiliza pela higiene, pela locomoção e pela alimentação do aluno com deficiência que precise dessa assistência, como determinado pela Nota Técnica nº 19/2010, do Ministério da Educação (MEC), de 8 de setembro de 2010, que trata dos profissionais de apoio para alunos com deficiências, especialmente no caso do Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD) matriculados nas escolas comuns (Brasil, 2010). A referida nota técnica deixa claro que este profissional não pode realizar procedimentos identificados com profissões legalmente estabelecidas.

Este serviço é oferecido de diversas formas, em algumas localidades, por empresas terceirizadas, em outras, o contrato é feito via processo seletivo simplificado da própria secretaria de educação, o que direciona a nossa discussão acerca dos custos e da dificuldade em oferecer formação para estes profissionais decorrente da rotatividade inerente a estas formas de contrato de trabalho (Lopes, 2018; Queiroz, 2020).

Sem a pretensão de esgotar a temática, procurou-se apresentar, neste título, para possibilitar ampliação do conhecimento acerca do fazer profissional do cuidador, formas de organização e de atuação desses profissionais no território nacional, a partir da legislação vigente e das pesquisas publicadas de alguns autores supramencionados.

O cuidador escolar carece de conteúdos básicos sobre comunicação e CAA, e também da compreensão de como esses profissionais podem colaborar para ampliar a comunicação do estudante

que não utiliza a linguagem oral em parceria com o professor do AEE e da família. A constituição de uma formação à distância em formato de vídeo para o cuidador escolar sobre comunicação e CAA, no contexto do aluno com deficiência, requer um movimento processual, assim como o sentido de comunidade necessário ao processo da escola inclusiva (Queiroz, 2020).

Será abordada, a seguir, a CAA na escola, pensando em uma das possibilidades de atuação do cuidador enquanto interlocutor nesse ambiente.

A comunicação aumentativa e alternativa na educação inclusiva

Segundo a Associação Americana de Fonoaudiologia (American Speech-Language-Hearing Association, c2024), a CAA compensa prejuízos na produção e/ou compreensão fonoaudiológica, incluindo o modo de comunicação falado e o escrita. É uma área de conhecimento interdisciplinar que contempla o uso de símbolos, recursos, estratégias e serviços para tornar possível a ampliação da comunicação e interação de crianças, jovens, adultos e idosos com deficiência e/ou Transtorno do Espectro do Autismo (TEA) e necessidades complexas de comunicação (Deliberato; Ferreira-Donati, 2017).

A CAA é utilizada para designar um conjunto de procedimentos técnicos e metodológicos direcionados a pessoas com perda temporária ou permanente da linguagem falada ou escrita, possibilitando sua adaptação e funcionalidade no contexto que estiver inserida, auxiliando a compreensão dos interlocutores (Deliberato, 2010; Deliberato; Manzini, 2012; Von Tetzchner, 2005, 2018; Von Tetzchner; Martisen, 2000).

Segundo Light, Mcnhaughton e Caron (2019), pesquisas são necessárias com urgência para avançar a compreensão da percepção cognitiva, motora, sensorial, e dos processos linguísticos e sociais de crianças com necessidades complexas de comunicação e seus parceiros, em diferentes estágios de desenvolvimento, para garantir que a comunicação alternativa seja adequada ao desenvolvimento, e isso impõe um aprendizado mínimo.

Consolidar uma comunicação alternativa é um desafio para a efetiva participação em casa, escola, trabalho, cuidados de saúde e ambientes comunitários dos usuários de CAA, os ganhos obti-

dos no aprimoramento da comunicação de crianças e jovens com necessidades complexas de comunicação por meio da CAA são notáveis e de fundamental importância (Light; Mcnaughton, 2014).

Muitas crianças com necessidades complexas de comunicação ainda não têm a oportunidade de participar de um processo educacional apropriado devido, a evidências científicas que demonstram que em parte as habilidades de comunicação são limitadas, ainda que até 90% dos alunos com necessidades complexas de comunicação entram na idade adulta sem adquirir habilidade funcional de alfabetização (Foley; Wolter, 2010).

Segundo Deliberato e Donati (2017), há necessidade de treinamento e capacitação dos diferentes profissionais da escola a respeito da CAA. A formação deve ser direcionada para a reflexão e conhecimento da importância da comunicação, valorização da interação social e a mudança de olhar do professor em relação aos alunos com necessidades complexas de comunicação. O professor e demais profissionais da escola em conjunto com as trocas com as famílias e profissionais de saúde devem ter o conhecimento, reflexão e discussão a respeito do processo de implementação da CAA. A equipe de profissionais da educação que atua com o aluno com necessidades complexas de comunicação necessita elaborar com a escola um programa de capacitação e implementação de sistemas e recursos de CSA (Deliberato; Donati, 2017).

Percurso metodológico

A realização deste trabalho foi estruturada em três estudos. O primeiro estudo, de caráter descritivo, buscou detalhar os cuidadores escolares, realizar o levantamento dos conhecimentos sobre comunicação e sobre CAA, bem como de suas necessidades formativas para o exercício profissional. Este levantamento descritivo foi realizado por meio de questionário, de observação participante e de entrevistas. O segundo estudo contemplou uma pesquisa colaborativa de desenvolvimento, buscando elaborar a formação na modalidade híbrida para o cuidador escolar de estudantes com necessidades complexas de comunicação, com a contribuição de especialistas das áreas de conhecimento na elaboração de vídeos instrucionais e, na sequência, para avaliar a usabilidade da plataforma Moodle, na qual estavam hospedados os vídeos criados e as atividades a serem realizadas pelos cursistas/participantes.

A avaliação da usabilidade foi realizada por meio de entrevista com usuários. Por fim, o terceiro estudo contemplou o desenvolvimento e a avaliação da Comunidade Colaborativa Virtual dos Cuidadores (CCVC) para o aperfeiçoamento profissional dos cuidadores escolares de estudantes com necessidades complexas de comunicação.

Foram participantes desta pesquisa os cuidadores escolares de estudantes com deficiência que atuavam em escolas de ensino fundamental de um município paulista que foram identificados pela letra “C” de cuidador e uma combinação numérica. Nesse contexto, estabeleceu-se como critérios de inclusão: a) atuar como cuidador escolar atendendo alunos do ensino fundamental; b) referir ter conhecimento básico de informática com uso da internet ou interesse em aprender; c) não ter vencimento de contrato previsto para o ano em que foi realizada a pesquisa; d) aceitar participar da pesquisa. A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo – CAAE: 70166017.7.0000.5561 – e foi aprovada pelo parecer nº 4.021.165.

Para a realização do primeiro estudo, dos 60 cuidadores escolares que atuavam em escolas de ensino fundamental nas duas diretorias regionais do município pesquisado, foram participantes deste estudo 46 cuidadores escolares de estudantes com deficiência e dois membros da equipe gestora de escolas do ensino fundamental dessa jurisdição, de acordo com os critérios de inclusão.

Para a realização do primeiro estudo foi necessário, inicialmente, a elaboração de um questionário pela pesquisadora, visando compor a caracterização e o perfil dos profissionais. Para verificar a clareza das questões elaboradas, o questionário foi submetido à apreciação e à análise dos membros do Laboratório de Pesquisa em Prevenção, Educação e Saúde da Universidade de São Paulo (Lappes/USP).

Ainda foi realizada 40 horas de observação participante em duas escolas das respectivas diretorias, além de uma entrevista semiestruturada com cada um dos cuidadores escolares atuantes nessas escolas, e com um dos membros da equipe gestora escolar para detalhamento de informações quanto à atuação deste profissional no contexto escolar, para assim obter informações sobre quais conhecimentos a equipe gestora possui em relação ao trabalho desenvolvido pelo cuidador. Buscou-se constituir também o perfil de estudantes que utilizam CAA para se comunicarem, a

percepção sobre a necessidade deste profissional na escola, bem como o histórico detalhado da necessidade de contratação deste profissional para atuar na escola e comportamentos e relações interpessoais do cuidador no contexto escolar e se a escola conta com outros profissionais para apoio à inclusão.

Quanto à análise do primeiro estudo, os dados foram organizados e analisados quantitativa e qualitativamente de maneira estruturada. Os dados quantitativos foram organizados em tabelas por meio do *software* Microsoft Office Excel e posteriormente foram apresentados e analisados em forma de estatística descritiva. Em relação aos dados qualitativos, primeiramente foi realizada a transcrição das entrevistas, com os devidos ajustes das normas ortográficas e gramaticais. Na sequência, foi realizada a triangulação dos dados em um único documento redigido a partir dos dados dos instrumentos de pesquisa, conforme proposto por Triviños (2008). Na posse destes dados, foi possível efetuar o levantamento temático, que permitiu identificar as categorias emergentes que se tornaram os conteúdos formativos à distância em formato de vídeo instrucional.

No segundo estudo, foi planejada e avaliada a usabilidade da plataforma, bem como a criação e a hospedagem dos vídeos. O instrumento utilizado foi a entrevista semiestruturada com seis profissionais de apoio que não eram participantes da CCVC para avaliação da usabilidade, em relação à construção dos vídeos e ao conteúdo disponibilizado na plataforma Moodle da universidade. Os vídeos foram planejados pelas pesquisadoras em parceria com especialistas, visando a forma e o conteúdo, e foram editados pela pesquisadora em parceria com auxiliares de pesquisa.

A elaboração desses vídeos se deu da seguinte forma: foi realizada uma reunião de *briefing* para as especificações dos conteúdos, de acordo com os dados coletados nos questionários, bem como a forma e o tempo dos vídeos com cada um dos especialistas convidados – esta reunião ocorreu à distância pelo Skype, plataforma de comunicação *on-line*. Na ocasião, os profissionais assinaram um termo de autorização de uso de imagem e áudio. Especificamente sobre linguagem, comunicação e CAA, dois vídeos foram elaborados – um foi filmado pela pesquisadora e outro pela especialista, fonoaudióloga e mestra convidada – e encaminhados à pesquisadora. Na sequência, os vídeos foram editados com a colaboração de um auxiliar de pesquisa, inseridos no *host* do e-Aulas USP e, conforme o

desenvolvimento dos assuntos na CCVC, eram postados, via *link*, na plataforma Moodle pela pesquisadora, seguidos por uma atividade relacionada à temática, desenvolvida especialmente para este fim e com a intenção de fomentar a participação, a reflexão e a troca de experiências entre pares. Assim, a pesquisadora atuou como mediadora na CCVC. Ao final de cada entrevista, foram solicitadas sugestões tanto de melhorias como de novas temáticas suscitadas pela participação.

No terceiro estudo, foi realizado o uso da CCVC pelos participantes por um período de quatro meses. Em seguida, aplicou-se um questionário para identificar a opinião dos cuidadores escolares quanto aos conteúdos formativos em formato de vídeo, e o quanto cada módulo havia contribuído para o conhecimento acerca da temática específica desenvolvida. Eles assinalaram a partir das afirmações: “ampliou meu conhecimento/trouxe novos conhecimentos”; “manteve o meu conhecimento/mostrou o que eu já sabia” e “me deixou confuso(a) em relação aos meus conhecimentos anteriores”.

Resultados e discussões

No primeiro estudo, verifica-se que, dos temas levantados pela categorização conforme Bardin (2016), após a triangulação dos dados (Triviños, 2008) de algumas das questões abertas do questionário e das entrevistas, revelaram-se as categorias que se constituíram as grandes áreas de temáticas a serem abordadas. Dentre elas, a categoria “comunicação” e a subcategoria “aspectos da comunicação com o estudante”. A comunicação se revela como aspecto primordial no contexto escolar, bem como em todos os ambientes de relações humanas.

No contexto desta pesquisa, os participantes trouxeram indagações e comentários pertinentes quanto aos aspectos de como se comunicar com o estudante não usuário de linguagem verbal, como: “*a criança que não fala pode me entender?*”. Essas dúvidas são pertinentes, pois são decorrentes das necessidades complexas de comunicação dos estudantes que estão sob seus cuidados, em sua maioria crianças com Paralisia Cerebral (PC), TEA ou deficiências múltiplas – que se caracteriza pela associação, no mesmo indivíduo, de duas ou mais deficiências –, segundo as respostas dos questionários. A sensibilização do olhar dos participantes para

as outras formas de comunicação, como balbucios, gritinhos, expressões faciais e corporais, entre outros, foram um dos aspectos abordados referente à comunicação, também foram esclarecidos os conceitos de “comunicação humana”, “língua” e “linguagem”, bem como uma breve noção de CAA para que o cuidador escolar pudesse se posicionar um como interlocutor ao se deparar com um estudante usuário dessa forma de comunicação.

A abordagem foi a partir de pressupostos teóricos propostos por pesquisadores de referência na área, como Deliberato (2008) e Light (2003). Sendo a CAA definida como “[...] toda forma de comunicação que complementa, suplementa, substitua ou apoie a fala. Destina-se a possibilitar a ampliação das necessidades não só expressivas, mas também receptivas” (Deliberato, 2008, p. 234). Nesse contexto, Light (2003) afirma que o ambiente é muito importante para a comunicação e o desenvolvimento da capacidade de compreender os símbolos, e Deliberato (2008) complementa que a CAA pode se tornar um instrumento para aprendizagem devido ao fato de ser um facilitador dos aspectos comunicativos.

Outro relato por parte do cuidador escolar *“sei que eles não falam, mas entendem o que a gente fala, e quando eles gostam do que a gente está falando dão risada e eu fico feliz”*. Para Vygotski (2003, p. 60), “[...] a linguagem surge inicialmente como meio de comunicação entre a criança e as pessoas em seu ambiente. Somente depois, se converte em fala interior, que vem organizar o pensamento da criança, ou seja, torna-se uma função mental interna”.

Assim, se o cuidador escolar tiver conhecimento desses aspectos, poderá se comunicar melhor com os estudantes que não utilizam a linguagem verbal, além de colaborar com o professor do AEE na ampliação de interlocutores. Nesse sentido, o uso da CAA em diversos contextos se faz necessária. Em relação ao uso da CAA em diversos ambientes da escola, as autoras Queiroz e Melo (2021, p. 3132) expõem o seguinte relato de uma cuidadora escolar:

[...] eu tenho um PECS² dentro do banheiro, indicando o que pode e o que não pode, o que vai ser feito dentro do banheiro, só que dentro da sala de aula, ele já não tem isso, então dentro da sala de aula ele fica solto, apesar de, a gente tem alguns acessos, e a gente consegue utilizar, mas dentro da sala é um pouco mais difícil, então quando a gente tem, a gente utiliza sim, e é muito bom (C9).

2 Picture Exchange Communication System, um dos sistemas de comunicação alternativa.

Referente a essa fala, uma colega, também cuidadora escolar, se posicionou com o seguinte relato: “e, neste caso, quem perde é o aluno, porque ele tem lá, mas não tem aqui” (Queiroz; Melo, 2021, p. 313). A exposição da cuidadora valoriza a importância do uso da CAA para estudantes com esse perfil. De acordo com Von Tetzchner e demais autores, o “[...] desenvolvimento de meios alternativos de comunicação não constitui apenas a aprendizagem de um modo diferente de comunicação; implica um caminho alternativo de constituição cultural do sujeito [...]” (Von Tetzchner *et al.*, 2005, p. 155)

Outros aspectos da comunicação entre o cuidador, os demais funcionários da escola, a equipe gestora, os professores, a família e outros, acabam manifestando reflexos nas relações interpessoais vivenciadas no ambiente escolar, e foram abordadas na subcategoria “Qualidade de vida, relações e valorização profissional do cuidador” por este motivo. Assim, abrange-se outros aspectos da qualidade de vida e da valorização profissional, que não serão detalhados aqui por não se configurar objeto deste estudo.

Devido à proposta de formação se tratar de um ensino na modalidade híbrida com encontros formativos presenciais e *on-line*, na qual foram utilizados vídeos instrucionais, especialmente gravados para essa finalidade, foi necessário realizar um levantamento do conhecimento de uso da rede de internet e plataformas digitais pelos participantes. Sobre acessar a rede de internet e participar de redes sociais virtuais, 40 participantes responderam que sim, cinco responderam que não, e um participante não respondeu. Por sua vez, 39 relataram saber fazer buscas no Google ou outros *sites* de pesquisa *on-line*. Quatro participantes afirmaram não realizar e três cuidadores não responderam. Em relação aos equipamentos utilizados para acessar a rede de internet, 24 participantes afirmaram utilizar o computador, 36 celular/*smartphone*, três acessam via *tablet*, três cuidadores responderam que não utilizam a internet e dois não responderam.

No segundo estudo, cada categoria encontrada no primeiro estudo veio a se tornar um módulo da CCVC, contendo um vídeo de apresentação e dois vídeos de aprendizagem – que contribuíram para a atuação profissional dos cuidadores escolares na área da comunicação e CAA.

Os dois vídeos foram considerados como pertencentes ao módulo de comunicação, nesse sentido, o primeiro vídeo se referiu ao desenvolvimento da linguagem, constando as diferenças entre

fala, linguagem e comunicação, além da perspectiva das etapas do desenvolvimento de linguagem de crianças com deficiência e do desenvolvimento típico. Vygotski (2006), ao tratar sobre a periodização do desenvolvimento, afirma que o desenvolvimento infantil não se dá em estágios pré-definidos, que se sucedem gradualmente, e sim por períodos críticos de desenvolvimento que se caracterizam por um processo de formação e de surgimento do novo, de formações qualitativamente novas. Assim, pode-se afirmar que as sucessivas etapas etárias determinam o desenvolvimento pela alternância de períodos estáveis e críticos de desenvolvimento.

O vídeo sobre CAA, referindo-se prioritariamente aos aspectos da comunicação com o estudante, demonstra, no seu conteúdo, para o cuidador, assuntos imprescindíveis sobre a CAA e como este profissional pode colaborar para ampliar a comunicação do estudante com necessidade complexas de comunicação em parceria com o professor do ensino comum, do AEE e da família. Expondo quais são os aspectos que ele deve observar no desenvolvimento do estudante e comunicar ao professor, assim como incentivar o diálogo com os demais colegas na hora do intervalo, entre outros. Nas atividades desenvolvidas na CCVC, os cuidadores tiveram espaço para comentar sobre suas experiências com usuários de sistemas de comunicação alternativa tanto nas escolas quanto em outros ambientes sociais.

Quanto aos relatos da entrevista referentes aos aspectos de usabilidade do *site*, as participantes acharam a CCVC fácil de usar, intuitiva, acessível e de fácil visualização. Não achando desnecessariamente complexo, estas afirmaram que é muito fácil de manusear e eficiente, C1 comentou: *“depois da segunda vez eu já consegui acessar”*. Sobre achar que havia inconsistência no *site*, não concordaram, e C2 comentou que *“ele tem uma coerência, de entender e relacionar o título com o vídeo”* e afirmou que *“tanto faz mexer pelo computador ou pelo celular”*, assim como C3, que falou *“acho que você vai se acostumando com a ferramenta, mais pelo visual, é melhor, bem mais rápido se a gente acessa pelo celular”*. A participante C4 comentou que, na sua opinião, o *site* com os vídeos *“é mais eficiente do que o outro curso (presencial), que a gente só fica em uma sala ouvindo muitas coisas, com os vídeos ele vai abreviando e já chega ao ponto”*. Quanto ao cotidiano da escola e às questões pedagógicas, principalmente como se sentiram e como aprenderam neste processo, C1 comentou: *“[quanto aos vídeos de formação no*

site] vai ajudar as novas cuidadoras, a gente já tem experiência, mas, quando a gente chega na escola, só a apostila não ajuda. A interação proporcionada pelo vídeo é muito útil nessas horas”.

As opiniões dos cuidadores, diante do contexto exposto, suscitam a reflexão acerca das argumentações de Behrens (2012) de que os alunos estão acostumados ao paradigma tradicional de ensino, com atividades repetitivas, ênfase à memorização, o que acaba imprimindo pouco significado para os estudantes. O desafio atual é mudar a perspectiva do ensinar, enfatizando caminhos que levem ao aprender, com professores e alunos, juntos, trilhando esse processo, em um desejo de mudança da prática de ensino que se amplia para toda a sociedade da informação.

Nesse sentido, sobre a era digital e a aprendizagem colaborativa, a autora aponta que os estudantes passam a ser transformadores, descobridores e produtores de conhecimento. “A abertura de novos horizontes mais aproximados da realidade contemporânea e das exigências da sociedade do conhecimento depende de uma reflexão crítica do papel da informática na aprendizagem e dos benefícios que a era digital pode trazer para o aluno como cidadão” (Behrens, 2012, p. 74-75).

No terceiro estudo, verifica-se, de acordo com as respostas, que a maioria dos participantes revelou ampliação do seu conhecimento relativo aos conteúdos trabalhados nos módulos temáticos, que foram “definição de comunicação, fala e linguagem”; “possibilidades da comunicação”; “definição de CAA”; “apoio da CAA ao aluno com necessidades complexas de comunicação ou com dificuldade na leitura e escrita”; “apoio da CAA para situações comunicativas efetivas e de aprendizagem na escola”. Nota-se que nenhum participante afirmou que os vídeos confundiram seu conhecimento.

Considerações finais

Os conteúdos formativos em formato de vídeo, elaborados à distância e de forma colaborativa entre pesquisadores e especialistas das áreas do conhecimento, demonstraram contribuir na ampliação do conhecimento dos cuidadores escolares acerca da temática linguagem, língua, comunicação e CAA.

Os cuidadores demonstraram compreender que a comunicação não se efetiva somente pela fala e incentivaram a comunicação e o uso da CAA na escola. Manifestaram interesse sobre os temas

trabalhados, o que se pode perceber pelos exemplos de falas dos participantes expressando conexões dos conteúdos abordados com a sua atuação cotidiana.

Espera-se que a formação propicie reflexos positivos na atuação do cuidador de estudantes com necessidades complexas de comunicação, para que este tenha uma boa convivência, interação e melhora da aprendizagem no contexto escolar, disseminando parceiros de comunicação e, assim, ações inclusivas na escola.

Referências

- AMERICAN SPEECH-LANGUAGE-HEARING ASSOCIATION. *Augmentative and Alternative Communication (AAC)*. Rockville: ASHA, c2024. Disponível em: <https://www.asha.org/practice-portal/professional-issues/augmentative-and-alternative-communication/>. Acesso em: 22 jun. 2024.
- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BRASIL. Decreto nº 7.611, de 17 de novembro de 2011. sobre a educação especial, o atendimento educacional especializado e dá outras providências. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, D. F., ano 148, n. 221, p. 5-6, 18 nov. 2011.
- BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, D. F., ano 152, n. 127, p. 2-11, 7 jul. 2015.
- BRASIL. Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações. *Consulta Pública sobre a atualização de lista de bens e serviços de Tecnologia Assistiva passíveis de financiamento para pessoas com deficiência (Portarias interministeriais nº 362 e nº 604)*. Brasília, D. F., 2021.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Nota Técnica nº 19/2010*. [Dispõe sobre a presença de] Profissionais de apoio para alunos com deficiência e transtornos globais do desenvolvimento matriculados nas escolas comuns da rede pública de ensino. Brasília, D. F., 2010.
- BRASIL. Ministério da Fazenda. Portaria Interministerial nº 604 de 24 de dezembro de 2013. Altera a redação da Portaria Interministerial nº 362, de 24 de outubro de 2012, para dispor sobre bens e serviços de tecnologia Assistiva passíveis de financiamento. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, D. F., ano 150, n. 250, p. 22-28, 26 dez. 2013.
- BRASIL. Portaria Interministerial nº 362, de 24 de outubro de 2012. Dispõe sobre o limite de renda mensal dos tomadores de recursos nas operações de crédito para aquisição de bens e serviços de Tecnologia Assistiva destinados às pessoas com deficiência e sobre o rol dos bens e

serviços. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, D. F., ano 149, n. 207, p. 44-49, 25 out. 2012.

BEHRENS, M. A. Projetos de aprendizagem colaborativa num paradigma emergente. In: MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. 5. ed. Campinas: Papirus, 2012. p. 67-132

BUIATTI, V. P.; NUNES, L. dos G. A. Educação inclusiva na Educação Básica: construindo caminhos para atuação em Psicologia Escolar. In: FACCI, M. G. D.; ANACHE, A. A.; CALDAS, R. F. (org.). *Por que a Psicologia na Educação? Em defesa da emancipação humana no processo de escolarização*. Curitiba: CRV, 2021. v. 2, p. 57-69.

DELIBERATO, D. Comunicação alternativa: informações básicas para o professor. In: OLIVEIRA, A. S.; OMOTE, S.; GIROTO, C. M. (org.). *Inclusão escolar: as contribuições da Educação Especial*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008. v. 1, p. 233-250.

DELIBERATO, D. *Caracterização das habilidades expressivas de um aluno usuário de comunicação alternativa durante intervenção fonoaudiológica*. 2010. Tese (Livre-Docência em Comunicação Alternativa) – Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

DELIBERATO, D.; FERREIRA-DONATI, G. C. *Perguntas e Respostas frequentes sobre comunicação Suplementar e Alternativa para Professores*. São Paulo: Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia, 2017. Disponível em: <https://www.sbfaf.org.br/campanha-comunicacao-suplementar-e-alternativa/pdf/faq2.pdf>. Acesso em: 27 jun. 2024

DELIBERATO, D.; MANZINI, E. J. Identification of the Communicative Abilities of Brazilian Children With Cerebral Palsy in the Family Context. *Communication Disorders Quarterly*, Thousands Oaks, v. 33, n. 4, p. 195-201, 2012.

FOLEY, B.; WOLTER, J. A. Literacy intervention for transition-aged youth: What is and what could be. In: MCNAUGHTON, D.; BEUKELMAN, D. (ed.). *Language, Literacy, and AAC Issues for Transition-Age Youth*. Baltimore: Brookes, 2010. p. 35-68

INEP. *Censo da Educação Básica 2023: notas estatísticas*. Brasília, D. F.: Inep, 2024.

JANNUZZI, G. M. *A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

KASSAR, M. C. M.; REBELO, A. S.; OLIVEIRA, R. T. C. de. Embates e disputas na política nacional de Educação Especial brasileira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 45, e217170, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s1678-4634201945217170>. Acesso em: 27 jun. 2024.

LIGHT, J. Development of communicative competence by individuals who use AAC. In: LIGHT, J. C.; BEUKELMAN, D. R.; REICHLE, J. (ed.).

Communicative competence for individuals who use AAC: from research to effective practice. Baltimore: Paul H. Brookes, 2003. p. 3-38.

LIGHT, J.; MCNAUGHTON, D. Communicative competence for individuals who require augmentative and alternative communication: a new definition for a new era of communication? *Augmentative and Alternative Communication*, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 1-18, 2014.

LIGHT, J.; MCNAUGHTON, D.; CARON, J. New and emerging AAC technology supports for children with complex communication needs and their communication partners: State of the science and future research directions. *Augmentative and Alternative Communication*, [s. l.], v. 35, n. 1, p. 26-41, 2019.

LOPES, M. M. *Perfil e atuação dos profissionais de apoio à inclusão escolar.* 2018. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9899>. Acesso em: 16 mar. 2023.

MACHADO, T. A.; BORDAS, M. A. G. Os itinerários de inclusão escolar: encontros e desencontros na formação docente. In: RODRIGUES, F. M. D. et al. (org.). *Educação Especial em tempos de transformação.* Curitiba: CRV, 2022. v. 1.

MAZZOTTA, M. J. S. *Educação especial no Brasil: História e políticas públicas.* 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MENDES, E. G. Breve histórico da educação especial no Brasil. *Revista Educación y Pedagogía*, v. 22, n. 57, p. 93-110, mayo/agosto 2010. Disponível em: <https://revistas.udea.edu.co/index.php/revistaeyp/article/view/9842/9041>. Acesso em: 27 jun. 2024.

MENDES, E. G. A radicalização do debate sobre inclusão escolar no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 33, p. 387-59, set./dez. 2006.

PRIETO, R. G.; FRANÇA, M. G. Políticas atuais de Educação numa perspectiva inclusiva: desafios à formação de professores. In: MARTINS, L. A. R.; MAGALHÃES, R. C. B. P. (org.). *Processos Formativos e Desafios Atuais da Educação Especial: olhares que se inter cruzam.* Fortaleza: EduECE, 2018. p. 29-56.

QUEIROZ, F. M. M. G. *Comunidade Colaborativa Virtual: possibilidade formativa para os cuidadores escolares de estudantes com deficiência.* 2020. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

QUEIROZ, F. M. M. G.; MELO, M. H. da S. Profissional de apoio como mediador da tecnologia assistiva no ambiente escolar. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 16, n. 4, p. 3122-3137, dez. 2021

QUEIROZ, F. M. M. G.; RAMOS, A. C.; MELO, M. H. da S. Atuação dos profissionais de apoio escolar junto aos estudantes com deficiência durante a pandemia da COVID-19. *Revista Interinstitucional Artes de Educar*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 723-741, set./dez. 2022.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. *Inclusão: um guia para educadores*. Tradução: Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 1999.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

VON TETZCHNER, S. Introduction to the special issue on aided language processes, development, and use: an international perspective. *Augmentative and Alternative Communication*, [s. l.], v. 34, n. 1, p. 1-15, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/07434618.2017.1422020>. Acesso em: 9 fev. 2023.

VON TETZCHNER, S. *et al.* Inclusão de crianças em educação pré-escolar regular utilizando comunicação suplementar e alternativa. *Revista Brasileira de Educação Especial*, Marília, v. 11, n. 2, p. 151-184, 2005.

VON TETZCHNER, S.; MARTINSEN, H. *Introdução à comunicação aumentativa e alternativa*. Portugal: Porto Editos, 2000. p. 93-119.

VYGOTSKI, L. S. *Fundamentos da defectologia*. Madrid: Visor, 1997. (Obras Escogidas, v. 5).

VYGOTSKI, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos Psicológicos Superiores*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

VYGOTSKI, L. S. *Paidología del adolescente: Problemas de la psicología infantil*. 2. ed. Madrid: A. M. Libros, 2006. (Obras escogidas, v. 4).

Submetido em: 17-06-2023

Aprovado em: 28-06-2024